

A VISITA DOS PRESIDENCIÁVEIS DAS ELEIÇÕES DE 1960 A BLUMENAU-SC.

CRISTINA FERREIRA*

ALINE ANDRESSA FELDMANN**

INTRODUÇÃO

Na década de 1960, o setor político nacional é marcado por grandes alterações na configuração da esfera Executiva do Brasil, pois de sistema presidencialista em 1960, passou a parlamentarista em 1961, retornou ao primeiro em 1963 e, com o golpe civil-militar que retirou João Goulart da Presidência da República, passa à Ditadura Militar a partir de 1964. Em meio a esses conturbados eventos de transição e alternância de poder entre grupos políticos distintos, chama a atenção a importância que as cidades do interior assumem no cenário político nacional, pois se tornam alvo das visitas de autoridades públicas, em especial dos candidatos à presidência e vice-presidência, particularmente nas eleições de 1960.

Em observância a esse fato, nosso objetivo é analisar e discutir os propósitos, interesses, jogos de poder e bastidores políticos atrelados às visitas de autoridades públicas – em especial à cidade de Blumenau –, com a finalidade de problematizar sua eventual representatividade para a formação, reforço ou combate às manifestações sociais relacionadas às *Culturas Políticas* elaboradas em sociedade pelos sujeitos históricos envolvidos nas disputas eleitorais de 1960. Para iniciar o debate, convém mencionar que estiveram no município catarinense os seguintes presidenciais: Ademar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP); Henrique Teixeira Lott, do Partido Social Democrático (PSD) e Jânio Quadros, do Partido Trabalhista Nacional (PTN).

O estudo analisa as visitas registradas nos periódicos, com a pretensão de destacar as particularidades do momento histórico, por intermédio da análise do percurso das personagens que estiveram na cidade de Blumenau. A documentação principal são as fotografias e fontes de imprensa que, na categoria correspondente à *imprensa geral*, compreende os jornais

* Doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e professora titular de Pesquisa em História e História do Brasil do Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB <cris@furb.br>.

** Acadêmica de História na Universidade Regional de Blumenau – FURB, bolsista de Iniciação Científica no projeto PIPE/Artigo 170, intitulado *História do Brasil & Culturas Políticas: Presidentes e Presidenciais em Blumenau (1960-1965)* <aaline_f@hotmail.com>.

Cidade de Blumenau e A Nação. Nestes periódicos é possível vislumbrar certas influências partidárias, pois cada qual representa os candidatos à Presidência da República de maneira distinta, quando não oposta. Por este motivo é indispensável situar o momento político, visita e, em especial, as fontes de imprensa em sua devida conjuntura histórica, porque este tempo não deve ser apartado do momento da publicação (KUSHNIR, 2007).

A análise de fotografias integrantes do Arquivo Histórico de Blumenau, pertencentes ao acervo do fotógrafo Hans Raun, responsável pela cobertura do comício de Jânio Quadros em Blumenau, indica que o uso de imagens como fontes históricas remete à possibilidade de criar uma realidade em si mesma (NAPOLITANO, 2010: 237), passível de questionamento e análise. A imagem é, portanto, para o historiador, ao mesmo tempo, transmissora de mensagens enunciadas claramente, que visam seduzir e convencer e, a despeito de si mesma, traduz convenções partilhadas que permitem sua compreensão e recepção (CHARTIER, 1993: 407). Até porque, em qualquer sociedade, a documentação é intrinsecamente distorcida, pois as condições de acesso à sua produção estão ligadas a uma situação de poder e, portanto, de desequilíbrio (GINZBURG, 2007: 262).

A HISTÓRIA POLÍTICA INSCRITA NA LEITURA DAS ELEIÇÕES DE 1960

As eleições para Presidente de 1960 contaram com a acirrada disputa entre os candidatos Jânio Quadros e Marechal Lott. Jânio, integrante do mencionado pequeno Partido Trabalhista Nacional (PTN), mas coligado com o Partido Democrata Cristão (PDC) e apoio da União Democrática Nacional (UDN) tem como principal adversário, o Marechal Henrique Teixeira Lott, que contou com a coligação entre expressivas legendas partidárias, como a aliança entre o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Ambos concorrem também com Adhemar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP).

O desenrolar das campanhas eleitorais desse ano acompanhava as diversas transformações sociopolíticas na sociedade brasileira, implementadas pelo governo anterior, do presidente Juscelino Kubitschek (PSD), cujo plano de metas de “50 anos em 5” estava pautado numa política desenvolvimentista subsidiada com recursos do capital estrangeiro. Nas eleições de 1955 a aliança PSD-PTB manteve-se no poder, mas a UDN pretendia quebrar tal monopólio e vislumbrou, na disputa eleitoral de 1960, mais uma oportunidade para colocar

seu plano em prática. Por isso, optou por apoiar o candidato da coligação capitaneada pelo PDC, Jânio Quadros, então ex-governador do Estado de São Paulo, mas civil atuante na política brasileira, perfil este muito semelhante ao de Adhemar de Barros, mas distinto do Marechal Lott, oriundo de círculos militares. As visitas dos presidentiáveis à cidade de Blumenau foram noticiadas pela imprensa nos meses que antecedem outubro de 1960, portanto, durante a campanha política para o pleito eleitoral, pois se trata do período mais propício para “a entrada em operação de estratégias, a interação entre os cálculos dos políticos e os movimentos de opinião” (RÉMOND, 2003: 49). René Rémond, historiador ligado à chamada Nova História Política, ao discutir o papel das eleições nas conjunturas históricas, auxilia na compreensão das possíveis relações tecidas entre os candidatos e os eleitores, pois trabalha o percurso do fenômeno eleitoral para a pesquisa histórica, assim como disserta sobre o “sufrágio universal” (RÉMOND, 2003), proposição que inspira esta pesquisa, na medida em que os candidatos optaram pela busca de reconhecimento diante da população, para apresentar as suas propostas e adentrar nos meandros do processo democrático.

Na produção historiográfica recente ocorre uma revalorização da História Política, depois de um longo período relegado a escanteio no debate acadêmico que favorecia, sobretudo, aspectos do domínio econômico e/ou social. Sua renovação difere da História Política praticada no século XIX, criticada pela historiografia posterior como mera narrativa de cunho cronológico, carente de problemática, análises e dedicada a privilegiar somente os “grandes” homens junto de seus “feitos” que “mudavam” o rumo dos acontecimentos.

E foram justamente as complexas circunstâncias vivenciadas na segunda metade do século XX as motivações para que no Brasil, alavancassem estudos voltados à renovação da História Política. Isso porque, diante da agitação social da década de 1960 que iria desembocar na instalação da Ditadura militar, a literatura produzida a respeito buscava compreender o “fenômeno do autoritarismo no país, movida pela necessidade de entender o golpe de 1964 e as causas do colapso do regime liberal-democrático instaurado pela Constituição de 1946” (GOMES, 1996: 65).

As principais características da atual História Política atrelam-se à concessão de privilégios ao acontecimento curto no sentido de explorá-lo na minúcia, não personalizar a História e gerar constante diálogo com as demais disciplinas acadêmicas estabelecidas como a

Sociologia, a Ciência Política e também com os inúmeros domínios que a vida humana comporta. Esta abordagem está inserida no que se convencionou denominar como “nova História Política” e a principal posição assumida pelos historiadores diz respeito à convicção de que seu retorno não constitui um setor estranho à História, pelo simples fato de que o domínio político é considerado um tipo de “prática social” (RÉMOND, 2003).

Estas perspectivas analíticas da nova História Política podem igualmente ser pensadas pela via das Culturas Políticas, conceito que, muito distante de pretender uma chave de interpretação global, contribui com a prática historiográfica na medida em que envolve um “fenômeno de múltiplos parâmetros” (BERSTEIN, 1998: 350) e permite sua adaptação ao complexo constitutivo do comportamento humano. Portanto, há de se apontar a importância das representações em sua definição, para que não seja remetido simplesmente às ideologias e tradições políticas, e atentar igualmente à pluralidade com que o fenômeno pode se formar em uma conjuntura, devido ao seu duplo caráter de “leitura comum do passado” e “projeção no futuro vivida em conjunto” (SIRINELLI apud BERSTEIN, 1998: 351).

No Brasil, a utilização do termo Culturas Políticas para fins interpretativos é considerada um recurso que remete à “eleição de uma dada memória e de uma certa leitura – política – do passado” (ABREU; SOIHET; GONTIJO, 2007: 14). O posicionamento dos historiadores que operam com esta noção evidencia que um país pode comportar diversificadas Culturas Políticas para interagir com os valores partilhados pela sociedade. Portanto, é possível a coexistência das Culturas Políticas nacionalista, comunista, trabalhista, democrática, cristã e etc., que por vezes combinam-se umas com as outras com o fito de alcançar seus objetivos, ainda que estes não se concretizem no ato ou na vigência da aliança, mas se encontrem no porvir.

Afinada com estas proposições, tal interpretação é o que se vê implícita ou explicitamente na análise da recente produção historiográfica brasileira acerca dos acontecimentos políticos referentes às décadas de 1960 e 1970 da história do país. Para exemplificar, constam os trabalhos que desde os anos 1980 e período subsequente, possuem elementos políticos como tônica analítica.

Ao examinar o momento histórico que antecedeu a Ditadura militar, estes estudos pontuam aquilo que entendem por “ausência de compromisso”, tanto das forças da esquerda

quanto das forças da direita, com a democracia, presente como pauta em suas agendas somente quando lhes fosse conveniente (DELGADO, 2004). A abordagem adentra na discussão de que no período, a democracia tornou-se um conceito utilizado em larga escala nos discursos oficiais, com o propósito de justificar politicamente o golpe civil-militar de 1964 e a Ditadura no Brasil.

Para explicar estes e outros momentos da política brasileira, as produções acadêmicas fizeram uso do termo “populismo”, conceito que atualmente perdeu força interpretativa e tem sido objeto de constantes questionamentos acerca de seus sentidos e mesmo aplicabilidade (FERREIRA, 2001). A título de síntese, embora também de simplificação, pode-se dizer que o “populismo” é fruto “de um longo processo de transformação da sociedade brasileira, instaurado a partir da Revolução de 1930 e que se manifestou de uma dupla forma: como estilo de governo e como política de massas” (GOMES, 1998: 545), mas não no sentido de manipulação a bel prazer, porque é simultaneamente uma tentativa de manobrá-la e atender às demandas das classes menos favorecidas no plano econômico e social.

O estudo dessa conjuntura, por si só, valida a utilização do termo Culturas Políticas, considerado uma noção “na encruzilhada da história cultural e da história política e que tenta uma explicação dos comportamentos políticos por uma fração do patrimônio cultural adquirido por um indivíduo durante a sua existência” (BERSTEIN, 1998: 359). Neste sentido, é importante mencionar os mais atuais e renomados trabalhos de História, nos quais o debate em torno do conceito de Cultura e/ou Política constitui o ponto central. Dentre eles destacam-se: – GOMES, Angela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria F. B.; GOUVÊA, Maria F. S (orgs.). Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005; – ABREU, Martha; SOIHET, Raquel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). Cultura política e leituras do passado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Faperj, 2007; e – MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). Culturas políticas na história: novos estudos. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

Essas produções historiográficas entendem, respectivamente, que o uso do conceito permite análises que deem conta de interpretar o comportamento político das personagens históricas, individuais e coletivas, segundo seus códigos culturais, com ênfase sobre suas

percepções, vivências e sensibilidades. Além disso, possibilita um exame ampliado da noção de poder, pensado não só enquanto “força, coerção ou manipulação, mas igualmente como legitimidade, adesão e negociação” (GOMES, 2005: 31). O termo Culturas Políticas articula desde linguagens, imagens, lembranças e ideias, até usos do passado, compreendidos “como expressões de culturas históricas” (ABREU; SOIHET; GONTIJO, 2007: 14); e, por fim, a ideia de que o “valor explicativo do conceito reside em mostrar como as ações políticas podem ser determinadas por crenças, mitos, ou pela força da tradição” (MOTTA, 2009: 22) de um grupo humano em determinado espaço e tempo.

PRESIDENCIÁVEIS EM BLUMENAU EM 1960

A partir destas reflexões teóricas é válido pontuar que a análise de dados desta pesquisa tem apontado a existência de algumas relações interpessoais e/ou partidárias muito elucidativas para refletir sobre a política nacional e compreendê-la naquele período. No jornal *Cidade de Blumenau*, por exemplo, no mês de fevereiro aparece uma nota referente à suposta correspondência enviada por Adhemar de Barros (PSP), com pedido de desculpas aos cidadãos blumenauenses pelo adiamento de sua visita à cidade. A justificativa recaía sobre Plínio Salgado (PRP), pois este não poderia acompanhá-lo por motivo de força maior. O jornal não descarta a vinda de Adhemar de Barros, alegando que, possivelmente, no mês seguinte o município receberia um dos candidatos. Ainda assim, nada mais foi relatado sobre a questão, fosse no jornal *Cidade de Blumenau* ou no periódico denominado *A Nação*.

Em setembro de 1960, *Cidade de Blumenau* noticia a vinda de Plínio Salgado (PRP) a Blumenau, sem mencionar Adhemar de Barros (PSP). No entanto, o político visita o município não como candidato à presidência, pois não conseguiu apoio para concorrer ao cargo, mas em prol da campanha do candidato do governo (Marechal Lott). Isso não impediu, contudo, que em pequena nota o jornal caracterizasse Plínio Salgado como integralista e o acusasse de se aliar aos comunistas, como também reforçou que a visita de Plínio, ao apoiar a plataforma de governo pró Lott, da coligação PSD-PTB, estava em conluio com o candidato Celso Ramos, então concorrente ao governo de Santa Catarina pela mesma aliança política. Porém, convém salientar que, segundo Tânia Regina de Luca, os jornais “[não são] obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna

projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita” (LUCA, 2010: 140).

A difusão de ideias relacionadas a um grupo ou rede política na imprensa também pode ser identificada no comício do presidencial Marechal Henrique Teixeira Lott, devido sua passagem por Blumenau no dia 28 de julho de 1960 (BUSCH JR, 1960). Por intermédio dos relatos dessa visita presentes nos jornais as diferenças partidárias se tornam perceptíveis, de modo a tornar válido lembrar que “a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (LUCA, 2010: 140). Tal assertiva se torna sintomática quando se atenta ao fato de que o jornal *A Nação*, por exemplo, limita-se apenas a citar o comício do Marechal Lott realizado às 21 horas em frente à Praça Dr. Blumenau (centro da cidade), bem como noticiar os demais acompanhantes de sua comitiva na passagem pelo município.

Em suas edições, o jornal *Cidade de Blumenau* desvalorizava os candidatos apresentados junto ao militar, os quais são denominados de “invasores gaúchos”, porque os políticos candidatos nas eleições de Santa Catarina que o acompanhavam não eram do Estado. Mas, vale destacar que, ao utilizar o jornal como fonte, enfrentamos “a tortuosa questão das filiações político-partidárias da imprensa local e suas relações com a elite” (LUCA, 2010: 126). Embora a investigação acerca desta questão esteja em curso, este pode ser considerado um elemento interpretativo para compreender porque o jornal só relatou a vinda do Marechal uma semana depois da realização do comício, cujo espaço reservado foi limitado a duas breves notícias e que, apesar disso, estava repleto de críticas tecidas contra Celso Ramos, candidato ao Governo do Estado que havia se pronunciado antes de Lott.

Acerca dessa notícia, é preciso frisar que seu redator se propõe a retratar os dizeres do Marechal e o pouco que é dito sobre o comício aparece em tom depreciativo, pois ressalta o suposto português ruim do candidato do governo (que parece compreensão equivocada de um linguajar mais técnico do que político). Por fim, a publicação sintetiza sua fala ao afirmar que o discurso do Marechal se resume à exposição de questões de pouca importância para os

objetivos de uma campanha eleitoral, fator que evidencia o modo como o jornal “seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (LUCA, 2010: 139).

Por outro lado, quando o candidato em questão é Jânio Quadros, a imprensa local converge positivamente em suas declarações de apoio. O periódico *Cidade de Blumenau* mostrou de modo explícito e recorrente sua preferência pelo candidato da coligação entre o Partido Democrata Cristão (PDC) e a União Democrática Nacional (UDN). Tanto que, ao relatar o comício de Jânio Quadros junto com Irineu Bornhausen e Hercílio Deeke, ambos da UDN, candidatos, respectivamente, a governador do estado de Santa Catarina e à prefeitura de Blumenau, afirma ter sido o “maior acontecimento político” (CIDADE DE BLUMENAU, 1960: 1) das eleições ocorrido no município. Sobre o discurso de Jânio, em particular, destaca que em poucas palavras o candidato conseguiu com eficiência expor ao público presente tudo que fora necessário. Além disso, em vários momentos, o periódico não cansava de indicar como já consagrada a vitória da chapa PDC-UDN. E, de acordo com as imagens publicadas no grande espaço reservado para as fotografias no jornal, foi expressiva a quantidade de pessoas que compareceram ao comício, conforme demonstra a Figura 1.



Figura 1 – Comício de Jânio Quadros em Blumenau, fotografado por Hans Raun (set. 1960)

A passagem de Jânio Quadros pelo Estado de Santa Catarina foi referenciada pelos periódicos como “peregrinação política” e “jornada cívica”, com data marcada para os dias 10 e 11 de setembro e primeira divulgação já no dia 7. Neste caso, também a agenda do político foi divulgada pelo jornal *Cidade de Blumenau*, pois no dia 10 visitaria as cidades de Lages, Rio do Sul e Itajaí e, no dia 11, Brusque, Blumenau e Joinville, noticiadas como as principais cidades do Estado.

Tanto *A Nação* quanto o *Cidade de Blumenau* se referem ao pronunciamento de Jânio Quadros como “comício monstro” e ambos afirmam que inúmeros cidadãos de municípios vizinhos também se fizeram presentes. Em meio a estas informações não faltaram igualmente as oportunidade de fazer alusão ao símbolo da campanha do candidato, a saber, a vassoura que varreria a corrupção do país, conforme retratado na figura 2.

Acervo: Arquivo Histórico de Blumenau (AHJFS)



Figura 2 – Público presente no comício de Jânio Quadros na Rua 15 de novembro, no Centro de Blumenau, com destaque para as vassouras, símbolo da campanha do candidato.

Outras questões divergentes nos relatos sobre a vinda dos candidatos são as menções aos companheiros de comício. Enquanto o jornal *Cidade de Blumenau* se preocupou em criticar as falas dos acompanhantes de Lott e dar pouca ênfase ao seu pronunciamento, na visita de Jânio Quadros, por sua vez, seus companheiros foram prontamente elogiados, pois entendia o periódico que o êxito do comício também ocorreu devido ao mérito dos oradores que o acompanhavam. Seja como for, o resultado do pleito de 3 de outubro de 1960 correspondeu às expectativas da imprensa local na cidade de Blumenau, pois o candidato eleito foi Jânio Quadros. Isto pode ser tomado como a marca de uma eleição que atua como um fator “indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e de seus movimentos” (RÉMOND, 2003: 40). Todavia, apesar do “espírito público” de 1960 eleger

Jânio, ele não se manteve por muito tempo no governo e, antes de completar um ano, renunciou ao cargo amparado em uma estratégia que supostamente fortaleceria sua política, porém resultou em um acontecimento com efeito exatamente oposto ao desejado pelo político.

Mas, interessa notar que, o período em que Jânio Quadros esteve à frente do governo como Presidente da República, seguido de sua renúncia, representou um momento de expressiva mudança na estrutura política brasileira. Isso porque sua eleição por voto direto foi um processo eleitoral restabelecido novamente apenas em 1985. Na época em que renunciou, seu vice-presidente, João Goulart, estava em viagem ao Oriente e quem assumiu o cargo foi o Presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli. Com a volta de Goulart ao país, sua posse foi cercada por movimentos de apoio e de oposição, resultando na implementação de um sistema de governo parlamentarista, que predominou até 1963, quando um plebiscito aprovou o retorno do presidencialismo. Contudo, Jango assumiu o governo diante de uma crise política e econômica deixada pelos seus antecessores e enfrentou uma série de situações políticas instáveis em seu mandato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo foi pautado nas relações políticas em âmbito nacional e, com isso, evidenciou contrastes e semelhanças com a política regional. O embate travado pelos candidatos à presidência pode ser compreendido por intermédio da problematização da imprensa do município de Blumenau, que demonstra um quadro ligado às diferenças e preferências na abordagem para cada candidato. No que concerne à visita do presidenciável Adhemar de Barros, pouco destaque foi dado pela imprensa local. Já a vinda de Plínio Salgado, em apoio ao candidato da coligação PSD-PTB (Marechal Lott), serviu para os periódicos o acusarem de aproximação com os comunistas.

Em contraponto, os outros dois candidatos, Marechal Lott e Jânio Quadros, receberam maior atenção dos jornais de circulação mais ampla na cidade. Quanto ao Marechal Lott, existem relatos posteriores a sua vinda e a imprensa não divulgou um convite para participar do comício. Mas, em relação ao candidato da coligação PDC-UDN, Jânio Quadros, e também na disputa do pleito municipal, vencido por Hercílio Deeke, também da UDN, há uma nítida

interferência da imprensa, com destaque para uma cobertura detalhada de seus compromissos no Estado e município.

A força dos veículos de informação, em especial da imprensa escrita da década de 1960 demonstra sua influência diante da sociedade e, juntamente com a rádio e a televisão, têm atuação direta na opinião pública para fins eleitorais. Próximo às eleições de 1960, notícias sobre a política obtém destaque, o que demonstra a preocupação dos periódicos em sugerir, por meio da alegação de qualidades ou defeitos, quem eles consideravam os melhores candidatos e, desse modo, interferir no voto do eleitorado local. No entanto, esta interferência não implica em, necessariamente, privar os sujeitos históricos das possibilidades de realizar escolhas próprias nas urnas e votar de acordo com suas preferências. E não deu outra: o candidato udenista, Jânio Quadros, venceu sim, mas, de outro lado, João Goulart (PTB) também foi eleito, sem contar que a outra aposta e apoio dos periódicos para o governo do estado (Irineu Bornhausen) também não obteve êxito, pois os eleitores preferiram Celso Ramos (PSD) para Governador do Estado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; SOIHET, Raquel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Faperj, 2007.

BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: Jean-Pierre Rioux; Jean-François Sirinelli. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BUSCH JR., Frederico Guilherme. *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau referente ao ano de 1960*. Arquivo Histórico Professor “José Ferreira da Silva” (AHJFS). Blumenau-SC.

CHARTIER, Roger. Imagens. In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. 1964: temporalidade e interpretações. In: MOTTA, Rodrigo Pato Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.

FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GOMES, Angela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos*, v. 17, Rio de Janeiro, 1996.

_____. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (coordenador-geral); SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* (v.4). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria F. B.; GOUVÊA, Maria F. S (orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

KUSHNIR, Beatriz. Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro prisma. *Projeto história*, São Paulo, n. 35, p. 27-38, dez. 2007.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

RÉMOND, René. As eleições. In: _____ (org.). *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ / FGV, 2003.

Fontes:

Jornais: *Cidade de Blumenau & A Nação* (AHJFS).

Fotografias: Acervo Hans Raun - Envelope 40 (AHJFS).